

Além do quotidiano: a procura de transformação na liminaridade do Boom Festival (Portugal)

Beyond the everyday: the search for transformation in the liminality of Boom Festival (Portugal)

Más allá de lo cotidiano: la búsqueda de la transformación en la liminalidad del Boom Festival (Portugal)



Tiago Pereira

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal
tiagoapereira02@gmail.com



Octávio Sacramento

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal
octavsac@utad.pt



Pedro Gabriel Silva

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal
pgpsilva@utad.pt

Resumo: Nas últimas décadas tem-se assistido a uma nova corrente de festivais que se identificam por transformacionais. No artigo propomos uma incursão neste género de festivais a partir de uma ciberetnografia em redes sociais virtuais e de uma etnografia in situ no Boom Festival (Portugal), um evento-chave no panorama mundial dos festivais transformacionais. Procuramos debater a busca de transformação pessoal e coletiva associada aos processos e condições de liminaridade proporcionados pelo Boom Festival. Através desta análise visamos compreender como se processam os contextos de suspensão temporária do quotidiano durante o festival e em que medida e de que modo esta liminaridade induz processos transformacionais no regresso à vida de todos os dias.

Palavras-chave: boom festival; culturas transformacionais; transgressões ritualizadas; vida quotidiana; liminaridade.

Abstract: A new breed of festivals, self-styled as transformational, have been looming in the last decades. This article proposes a journey into that genre of festivals based on an ethnography in one of its most renowned events – the Boom Festival, in Portugal – alongside a cyber-ethnography in social media. The article debates the search for personal and collective transformation associated with processes of liminality prompted by the Boom Festival. The analysis seeks understanding how the temporary suspension of everyday life takes form when transformational festivals occur and to what extent those states of liminality induce transformational processes when subjects return to their day-to-day livelihoods.

Key-words: boom festival; transformational cultures; ritualized transgressions; everyday life; liminality.

2

Resumen: En las últimas décadas surgió un nuevo tipo de festivales, identificados como transformacionales. Este artículo propone una incursión en este género de festividades desde una etnografía en uno de los más reconocidos eventos – el Festival Boom, en Portugal – junto con una ciber-etnografía en redes sociales virtuales. El texto aborda la búsqueda de transformación personal y colectiva asociada a los procesos de liminaridad asociados al Festival Boom. A través de este análisis pretendemos comprender cómo se procesan los contextos de suspensión temporal de la cotidianidad durante el festival y en qué medida y de qué manera esta liminaridad induce transformaciones en los individuos cuando estos regresan a sus vidas cotidianas.

Palabras clave: festival boom; culturas transformacionales; transgresiones ritualizadas; vida cotidiana; liminaridad.

Data de recebimento: 02/09/2022

Data de aprovação: 10/02/2023

Introdução

A (r)evolução tecnológica das últimas décadas tem potenciado novas formas de apropriação e expressão cultural, destacando-se a emergência do festival como um formato de massas e globalizado de produção da cultura (NGUYEN, 2019; O'SHEA, 2016; WALLACH et al. 2011). Nesta tendência de festivalização da cultura (BENNETT et al., 2014; CAMPOS, 2021; ROTH e FRANK, 2000), o conceito de festival expandiu-se, remetendo, hoje, para amplas manifestações sociais em torno de vários sectores culturais e económicos (v.g., música, artes, gastronomia, vestuário). A título de exemplo, no Reino Unido, em 2016, mais de 500 eventos com quase quatro milhões de participantes movimentaram cerca de 1.7 mil milhões de libras (KANE, 2018). Na atualidade, os festivais evidenciam uma significativa transversalidade social e estão sujeitos a vincados processos de massificação e mercantilização, não se circunscrevendo, estritamente, a manifestações ditas contraculturais, como sucedeu em Woodstock, em 1969.

3

Considerando as tendências que caracterizam muitos dos festivais contemporâneos, sobretudo no campo musical, propomo-nos abordar o caso do *Boom Festival* (BF), realizado em Idanha-a-Nova, Portugal, como um espaço social de massas configurado com base em ideários, crenças, práticas e celebrações que lhe conferem a identidade de “festival transformacional” (LEUNG, 2010)¹. Este tipo de festivais musicais, de inspiração psicadélica, tem subjacente um ideário de transformação pessoal por via de experiências sensoriais, espirituais, visionárias e criativas, induzidas pela música eletrónica (v.g., *psytrance*), pelo consumo de psicotrópicos e por vivências (neo)tribais de proximidade e partilha entre a comunidade de pares (ESPINOSA, 2022; GUERRA, 2015; HUTSON, 2000; OROC, 2018; St JOHN e BALDINI, 2012; St JOHN, 2012). Enquanto contextos de alteridade e liminaridade, que funcionam como modernos ritos de passagem (GILMORE, 2006; JOHNER, 2015; NEUHOFER et al., 2021; St JOHN, 2008), os festivais

¹ Em 2010, na palestra *TEDxVancouver*, Jeet-Kei Leung faz uma das primeiras apresentações do conceito de festival transformacional e discorre sobre a sua relação com o movimento *psytrance* (<https://www.youtube.com/watch?v=Q8tDpQp6m0A>).

transformacionais suscitam subjetividades e identidades marcadas pela transposição das disposições mais comuns da vida de todos os dias. A nossa análise incide, justamente, nesta dialética com o cotidiano e nas modulações subjetivas e identitárias daí resultantes. Temos como ponto de partida as seguintes questões: como é que o BF se organiza e como é que proporciona palco para expressões transgressivas mais ou menos ritualizadas? Em que medida e de que forma os participantes do BF procuram vivências transcendentais para lá do que assumem como comum e rotineiro? Repercutir-se-ão as experiências singulares do festival, significativamente, nas vidas quotidianas dos participantes a ponto de induzirem processos transformacionais?

O trabalho de campo de que resultaram os elementos empíricos mobilizados para esta análise foi realizado pelo primeiro autor do artigo no âmbito da sua tese de doutoramento (PEREIRA, 2021). Nesta pesquisa foi privilegiada uma abordagem qualitativa de natureza etnográfica, no âmbito da qual foram utilizadas diversas estratégias de recolha de dados, destacando-se três procedimentos: (i) observação participante intensiva no período de realização da 12.^a edição do BF, de 22 a 29 de julho de 2018; ciberetnografia ao longo de um ano num grupo de discussão criado propositadamente no *Facebook*, denominado de *Bloom Tribe*, composto por 20 pessoas de seis nacionalidades que frequentam o BF e outros festivais transformacionais; (iii) entrevistas semidirigidas a três referências mundiais no estudo dos eventos e culturas transformacionais (Graham St John, Jeet-Kei Leung e James Oroc).

Entre setembro de 2017 e setembro de 2019, o fenómeno e os seus principais protagonistas foram seguidos em dois contextos e tempos distintos: durante o festival, *in situ*, e antes e depois do festival, *online*. A etnografia *in situ* foi, forçosamente, limitada aos sete dias do festival, quando as portas do recinto estão abertas ao público. Este exercício etnográfico de curta duração (coincidente com a curta duração do evento) foi complementado com um exercício temporalmente mais extensivo, pré e pós-festival, de interação no espaço digital com participantes do BF. A pesquisa empírica beneficiou, ainda, da condição de “insider researcher”

(CHAVEZ-REYES, 2008; DeLYSER, 2001; TAYLOR, 2011) do primeiro autor, que é membro da comunidade *psytrance* há cerca de 20 anos, tendo estado pela primeira vez no BF em 2004. Porém, tal condição gerou-lhe alguma dificuldade em olhar com outros olhos um fenómeno ao qual está densamente vinculado por um extenso volume de experiências e emoções. Gerou-lhe, também, alguma inibição na hora de expor de forma aberta situações e práticas (v.g., consumos e experiências psicadélicas) que, de algum modo, remetem para a sua esfera pessoal de participante do BF.

Suscetibilidades de diversa índole associadas ao fenómeno em estudo exigiram redobrados esforços e sensibilidade na salvaguarda do anonimato e confidencialidade das fontes, sobretudo em relação aos informantes com quem o primeiro autor mais interagiu no terreno e aos participantes do grupo de discussão *online*. Neste sentido, os verdadeiros nomes dos sujeitos foram substituídos por pseudónimos, mantendo-se a restante informação pessoal (idade, profissão e nacionalidade) desde que não compromettesse a salvaguarda do anonimato.

5

“Contracultura”, festivais transformacionais e procura de liminaridade

O existencialismo, popularizado sobretudo pelas obras de Sartre (1987[1946]), é comumente apontado como um dos principais marcos fundadores do movimento dito de contracultura, em meados do século XX. Partindo do princípio de que a existência precede a essência e, por isso, o ser humano é eminentemente livre, a corrente filosófica existencialista apresenta o homem como sendo nada mais do que aquilo que faz de si mesmo. É, justamente, desta ideia de autodeterminação e liberdade, no contexto de um certo desencantamento do pós-II Guerra Mundial, que emergiram os movimentos de contracultura com o propósito de questionar a legitimidade dos valores dominantes da cultura ocidental (v.g., patriarcalismo, hierarquia, capitalismo, obediência à normatividade social) e de instituir novos quadros identitários (MACFARLANE,

2015; Turner, 2006, 2013). As posições libertárias e pacifistas, aliadas ao consumo declarado de substâncias psicadélicas, constituíram elementos distintivos destes movimentos, que ganharam particular expressão na Europa e nos EUA, sobretudo na década de 1960, dando forma ao que é hoje conhecido como a primeira revolução psicadélica (OROC, 2018).

A evolução tecnológica na segunda metade do século XX trouxe um novo paradigma sociocultural, sobretudo com a passagem do sinal analógico ao digital. Este redesenhar das práticas sociais, animado pela tecnologia eletrónica, tornou o mundo, as relações e as práticas sociais mais digitais, originando novos movimentos culturais de amplitude global com a música, pela via da modulação eletrónica, a induzir novas reações psicofisiológicas. Em larga medida impulsionado por este despertar eletrónico, o psicadelismo contracultural renasceu, progressivamente, ao longo da década de 1990, se bem que envolto em novas estéticas, tendo os festivais transformacionais contribuído para a sua afirmação através de eventos com grande difusão internacional, prometendo expressões libertárias, transgressivas e de transformação (inter)subjetiva, bem como experiências coletivas de comunhão e pertença (D'ANDREA, 2007; LEUNG, 2010; OROC, 2018; ROWEN, 2020; St JOHN, 2008, 2009, 2010). Ao remeter para noções de alteridade e comunidade, este género de festivais retoma e reconfigura muitos dos ideários presentes nas anteriores manifestações contraculturais e associa-lhes imaginários e práticas de tipo *New Age* (ESPINOSA, 2022; LUCIA, 2021; St JOHN, 2009, 2010, 2012). A presença da *Electronic Dance Music* (EDM) é uma marca ineludível destes eventos, ainda que praticamente todos eles alarguem os respetivos programas à divulgação de artes plásticas, às terapias do corpo e da mente (v.g., ioga, meditação, práticas *well-being*) e à sustentabilidade ambiental (v.g., divulgação de práticas ecológicas como a permacultura) (NUNES e GARCIA, 2022; SCHMIDT, 2015; SIMÃO, SILVA e MAGALHÃES, 2015).

Os festivais transformacionais têm subjacentes algumas manifestações rituais, proporcionando aos seus participantes ritos de

passagem modernos (JOHNER, 2015; St JOHN, 2008, 2017; YUHAS, 2022) com estruturas, características e funções equiparáveis aos ritos de passagem das comunidades tribais e agrárias a que se referiam Van Gennep (1978 [1908]) e Turner (1977[1969]), entre outros. Na perspetiva turneriana, os ritos de passagem pressupõem transição e transformação simbolicamente sinalizadas. Tal acontece na passagem dos sujeitos entre a sua condição estrutural prévia, a anti-estrutura (o interstício, a liminaridade) e o regresso a uma nova condição estrutural. A sociedade é apresentada por Turner (1977[1969]) como produto de uma relação histórica e dialética entre a “estrutura” e a “anti-estrutura”, sendo que a vida diária representa o modo indicativo e normativo (estrutural) da vida social, ao passo que a liminaridade representa o modo subjuntivo e transgressivo (anti-estrutural) densamente ritualizado.

Enquanto momento de transição entre duas fases (um limbo), a liminaridade representa uma configuração social processual “which is betwixt-and-between the normal, day-to-day cultural and social states”, sendo que os sujeitos “are beings-in-transition, no longer what they were, nor yet what they will be” (TURNER, 1977[1969], p. 33). A entrada num espaço-tempo liminar de suspensão ritual de normas, rotinas e constrangimentos proporciona a emergência de *communitas* espontâneas – constituídas por todos aqueles que se encontram na mesma condição de anti-estrutura –, nas quais o sentimento de pertença e união tende a ser imediato, suplantando divisões socioculturais, reputacionais, de género, de classe e de idade e promovendo a partilha de conhecimentos e entendimentos especiais (TURNER, 1982).

Embora sujeitas a extensos processos de modernização científico-tecnológica e de destradicionalização (ELCHARDUS e De KEERE, 2010), as sociedades (pós)industriais evidenciam configurações sociais marcadas pelo presenteísmo vitalista, pelo hedonismo, pelo orgiasmo social e por excessos festivos (MAFFESOLI, 1985, 1998), que acabam por remeter os sujeitos para estados de liminaridade e *communitas*. Para estas sociedades mais heterogêneas, massificadas e tendencialmente individualistas e eletivas – bastante dis-

tintas dos contextos em que originalmente desenvolveu as suas formulações teóricas sobre o processo ritual –, Turner elabora uma adaptação conceptual da noção de liminaridade e passa a referir-se a manifestações liminóides, destacando que estas são intermitentes e não cíclicas, geradas, frequentemente, à margem de processos políticos e económicos centrais e marcadas por um cunho plural, fragmentário e experimental (TURNER, 1982). Os eventos liminóides correspondem, sobretudo, a espaços sociais lúdicos, de entretenimento, de diversão e/ou turismo, deliberadamente consumidos pelos sujeitos como forma de suspensão catártica da vida quotidiana (GRABURN, 2004). Nestes eventos fomentam-se transgressões mais ou menos ritualizadas de normas e rotinas; neles, os constrangimentos sociais são atenuados e as capacidades humanas de cognição, volição e afeto são estimuladas. Todavia, não existe uma completa dissonância face ao quotidiano. Como ressalva Graburn (2004), a propósito do turismo, a transformação desejada poucas vezes constitui uma verdadeira antítese (anti-estrutura) e não deixa de ser, em certa medida, um produto dos próprios valores de quem a ambiciona.

8

Os festivais transformacionais evidenciam a generalidade das características dos eventos liminóides. Aliás, na sua própria designação promete-se algum tipo de mudança em relação à norma, sendo a transgressão tida como legítima e propiciadora de *espírito de corpo*. No plano das subjetividades, como destaca St John (2008, p. 154), o resultado é “a sense of immediacy, safety, and belonging, outside and in between the routine habitus, conventional gender roles or the crushing ennui of workaday lives”. Nestas expressões de partilha da *margem*, marcadamente ritualizadas, emergem configurações sociais semelhantes a *communitas*, caracterizadas por circunstâncias em que os indivíduos, muitas vezes estranhos, “may obtain in gatherings of extraordinary ‘energy’, a spontaneous ‘flash of mutual understanding on the existential level’, and a ‘gut’ understanding of synchronicity” (TURNER, 1982, p. 48)². O resultado é uma espécie de efervescência coletiva a que Durkheim

² No caso do BF, alguns dos slogans mais marcantes das suas edições são reveladores desta (tentativa de) afirmação da mutualidade, sincronia e unificação que tendem a caracterizar a *communitas*: “We are one” (edição de 2006); “We are love” (edição de 2014); “Love has no flag” (edição de 2018).

(2001[1912], p. 163-164) se referia a propósito das experiências religiosas nas quais o indivíduo se sente

possessed and led by some external power that makes him think and act differently from normal times, he naturally feels he is no longer himself. He seems to have become a new being... And as all his companions feel transfigured in the same way at the same moment, and translate their feeling through their shouts, gestures and posture, it is as though he really were transported into a special world entirely different from the ordinary, a setting populated by exceptionally intense forces that invade and transform him.

Nos festivais transformacionais e em muitos outros, sobretudo de EDM, a situação liminar de *communitas* é, de um ponto de vista *emic* (autóctone), reconhecida e traduzida como *vibe*. Esta é representada pelos próprios sujeitos como uma intensa experiência social, sonora e sensorial capaz de dissipar diferenças, agregar alteridades, estimular a celebração do momento e gerar estados de comunhão e harmonia comparáveis aos que se observam no campo da espiritualidade e da religião (CASTAGNER, 2020; GUERRA, 2015; KING, 2020; LUCIA, 2021; St JOHN e BALDINI, 2012; St JOHN, 2017). O consumo de drogas psicadélicas, bastante comum neste tipo de eventos, contribui para a experiência pessoal e social da *vibe*, na medida em que predispõe os sujeitos a manifestações de solidariedade afetiva e a um maior envolvimento no que vai acontecendo à sua volta, nomeadamente, a participação em longas jornadas de dança (KAVANAUGH e ANDERSON, 2008).

O Boom Festival como palco de transgressão institucionalizada

Portugal acolhe, sobretudo no verão, uma variedade de festivais ligados a diversas formas de produção artística que vão desde as artes plásticas, à dança, à literatura, à música, muitos deles agregadores de mais do que uma destas manifestações cria-

tivas. Segundo os dados da Associação Portuguesa de Festivais de Música (Aporfest), em 2018 realizaram-se, em Portugal, 311 festivais de música, a maioria dos quais de pequena dimensão e que mobilizaram 2,7 milhões de espectadores³. Por sua vez, em 2022, realizaram-se cerca de 300 eventos, um número muito próximo do registado em 2018, o melhor ano de sempre, com mais de 70% a decorrer entre 15 de junho e 15 de setembro.⁴

O BF faz parte deste rol de eventos festivos. É organizado de dois em dois anos na Herdade da Granja, no concelho de Idanha-a-Nova (Portugal), a cerca de 260 quilómetros de Lisboa. Trata-se de um território demograficamente desertificado, sem grande dinamismo empresarial e no qual a realização do evento, de dois em dois anos, tem um impacto muito forte na economia e no emprego locais. Em 2016, a *Good Mood* (a entidade produtora do evento) começou a promover a reflorestação de parte dos 150 hectares da Herdade da Granja com espécies autóctones, como azinheiras, sobreiros, medronheiros e freixos, e, no ano seguinte, adquiriu a propriedade. Hoje, a Herdade da Granja é conhecida pelos participantes do festival por *Boomland*. Esta propriedade encontra-se longe dos grandes centros urbanos e a sua área é composta por terrenos baldios, agrícolas e zonas verdes adjacentes a uma enorme barragem construída para regadio. A propriedade apresenta uma morfologia de colinas e vales, em terra rochosa, o que determina um acampamento nada cómodo. Durante a semana do festival, o barulho no acampamento onde pernoita a maioria dos participantes no BF é mínimo. Ouvem-se as pessoas, os veículos motorizados quando passam rua acima e rua abaixo. Esporadicamente, gritos e uivos de excitação vindos dos grupos acampados reverberam pela *Boomland*. Nesta região, como é habitual no interior centro de Portugal, fazem-se sentir temperaturas muito elevadas no verão. A título de exemplo, em 2022, na semana do evento, entre 22 e 29 de julho, registou-se uma temperatura máxima de 38° C e uma humidade relativa entre os 40% e os 50%⁵.

3 Em <http://bit.ly/3F2dndi> (consultado em 08/12/2022).

4 Em <https://cnnportugal.iol.pt/festivais-de-musica/festivais-de-verao/ha-cada-vez-mais-mais-festivais-de-musica-de-portugal-este-ano-serao-quase-300/20220722/62d808370cf2f9a86eae1da6> (consultado em 08/12/2022).

5 Fonte: https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/weatherarchive/idanha-a-nova_portugal_2267427?fcstlength=1m&year=2022&month=7

Quando se efetuou o trabalho de campo para este estudo, em 2018, o festival completou 12 edições, tendo a primeira ocorrido em 1997 no município de Palmela. A difusão do festival além-fronteiras teve início logo a partir dessa etapa seminal. Para a disseminação internacional do festival terá contribuído a afirmação de aspetos distintivos, em particular a sua instituição como espaço de reprodução da convivialidade e experiência psicadélica do movimento original do *Goa trance*⁶ (SALDANHA, 2010; St JOHN e BALDINI, 2012). O evento está, aliás, na primeira linha da génese dos festivais de *psytrance* na Europa e no mundo. A sua página de *Facebook* conta com mais de 550 mil seguidores (PEREIRA, 2021, p. 70). Durante a semana do festival de 2018 estiveram na Herdade da Granja cerca de 33.000 *boomers*, a que se juntaram elementos da equipa de organização, voluntários e artistas, dando forma a uma cidade efémera de quase 40.000 indivíduos.

O BF tem uma duração de sete dias e afirmou-se como um destino de peregrinação para os aficionados de um movimento global denominado de *tribo psytrance*⁷ que para aí se deslocam de diversos pontos do globo (St JOHN e BALDINI, 2012). O *psytrance* demarca-se dos outros géneros de música, tais como a *Electronic Dance Music Culture*, o *Rock*, o *Jazz* e o *Pop*, e configura profundamente a identidade contracultural do movimento a ele associado. As raves ou *event-cultures* de *psytrance* são, na maioria dos casos, produzidas em contextos relativamente isolados. A par das experiências de consumo de psicadélicos, é frequente ver as pessoas aficionadas do *psytrance* a dançar descalças, a rebolar na lama nos festivais de verão (v.g., Ozora, na Hungria) ou a circular nuas no recinto.

Para os aficionados, a *Boomland* afigura-se como um santuário muito concorrido, como se pode constatar pela rapidez com que os bilhetes se vendem: a edição de 2020 (adiada, sucessivamente, para 2022 devido à pandemia de Covid-19) esgotou os mais de 30 mil bilhetes em 90 minutos com preços a oscilar entre 175,00

6 O *Goa trance*, atualmente conhecido como *trance psicadélico*, teve origem em Goa, Índia, na década de 1990, expandindo-se globalmente. Hoje, é um género musical orgânico e dinâmico, que se multiplica por vários subgéneros: *progressivo*, *dark*, *full-on*, *forest*.

7 Movimento que St John (2010, p. 7) define como “a complex techno-tribalism, with many internal differences and micro-taste cultures rapidly forming, merging or falling away, and in which symbolic capital is embodied and recognized in distinct performances and displays (e.g. those associated with various *psytrance* subgenres)”.

euros e 230,00 euros (SAPO/MAG/LUSA, 2022). Nas primeiras edições, o BF assumiu-se, primordialmente, como um festival de música eletrónica. Em 1997, durante três dias de agosto, a Herdade do Zambujal (em Águas de Moura, Palmela) acolheu cerca de 3000 aficionados do Goa trance. No ano seguinte, a *Good Mood* organizou a segunda edição do festival, passando, desde então, a fazê-lo de dois em dois anos. Em 2002, o festival mudou-se para a Beira Interior, mais propriamente, para o concelho de Idanha-a-Nova.

O BF, já feito festival de *psytrance* e com notável projeção internacional (St JOHN e BALDINI, 2012), apresentou, mais notoriamente a partir de 2004, novos objetivos, reforçando a aposta numa imagem alinhada com as preocupações ecológicas, a permacultura, a reciclagem e o princípio *leave no trace*; com a igualdade de direitos entre homens, mulheres e não binários, nacionalidades, etnias e orientações sexuais; e com a meditação, espiritualidade, medicinas tradicionais e tratamentos orgânicos. Se as primeiras edições se dirigiam quase exclusivamente ao movimento *psytrance*, à medida que o evento cresceu em duração, ganhou projeção internacional, viu aumentar o número de frequentadores e registou-se uma tendência de diversificação dos participantes. A projeção internacional chamou a atenção de todo o tipo de pessoas, reforçando o seu escopo interclassista, se bem com um aumento da procura por parte de indivíduos de estratos socioeconómicos mais elevados (médicos, executivos, empresários, profissionais liberais, entre outros), para além dos já habituais seguidores de *trance* e cultura psicadélica (GOOD MOOD, 2017). Apresentado pelos organizadores e percebido pelos participantes como um evento cultural alternativo (St JOHN e BALDINI, 2012), o festival tendeu a expandir-se, registando, além dos nacionais, mais de 10 mil pessoas oriundas de mais de 50 países dos cinco continentes, como indicava, em 2017, a entidade organizadora (GOOD MOOD, 2017). Tal circunstância tem contribuído para a afirmação de uma dimensão paradoxal: a manutenção de uma representação do evento enquanto manifestação cultural diferenciada e uma projeção do mesmo como alternativa ao *mainstream* festivaleiro da época, ao mesmo tempo que assume dimensão e se constitui como fenôme-

no de massas permeado por práticas comerciais comuns às dos restantes festivais estivais.

O BF faz-se promover como um festival de música, arte, cultura e sustentabilidade (BELANCIANO, 2016). Desse modo, a estratégia de comunicação e *marketing* do evento aposta num distanciamento face aos restantes festivais (seja de música popular, seja de rock/pop, assim como *mega raves*). Paradigmático de tal exercício distintivo é a não divulgação antecipada do alinhamento de DJs que atuarão, o limitar a 33.000 o número de bilhetes emitidos para venda (BELANCIANO, 2016) ou a inexistência de *sponsors* comerciais. Mais recentemente, a organização decidiu limitar a 40.000 as presenças no recinto (SAPO MAG/LUSA, 2020).

Este festival internacional não esconde a sua afinidade com o *trance* psicadélico e com a cultura psicadélica, como a própria comunicação institucional faz questão de vincar na página oficial do BF, na secção Boom Vision (BOOMFESTIVAL, 2022): “a truly psychedelic global gathering of music, arts, culture & hands-on sustainability”. Na semana do festival, a Herdade da Granja transforma-se numa cidade heterotópica (St JOHN e BALDINI, 2012) povoada por dezenas de milhares de pessoas que deambulam pelos espaços e artérias daquela urbe temporária. Seja pela dimensão, seja pela própria história, o BF tem vindo a assumir um lugar de relevo no circuito internacional do *psytrance*. Além de “truly psychedelic”, o festival promove-se como “environmentally aware”, como um “transformational” “borderless world” que proporciona “transcendence through music” (BOOMFESTIVAL, 2022). Uma consulta da página oficial do BF revela como o próprio discurso de apresentação da marca *BF* promove uma dimensão potencialmente transformativa do evento:

As the festival enters its second decade of existence, we deepen the vision and reinvent ourselves to be in service of a truly life-changing event, which in support of thriving life, aims to inspire both individual and collective transformation. Out of daily routines, away from our

comfort zones, every two years, we dive into the unknown to dance, laugh, love, learn, play, listen, support, create, participate and evolve (BOOMFESTIVAL, 2022).

O evento é, hoje, reconhecido internacionalmente pelos seus *habitués* (DJs, promotores, frequentadores habituais) como *The Mothership*, uma casa da cultura psicadélica dentro do movimento *psytrance* global (St JOHN, 2017). O BF é um festival de excessos e de desvios à norma, no que designamos de *ecologia de transgressão*. Dentro do perímetro da *Boomland* é permitida a adoção de um estilo naturalista, para muitos, naturista. Um espaço e momento nos quais os sujeitos se podem despir – alguns, literalmente – de vestes e de preconceitos relativos a consumos e a disposições dos corpos.

O festival abre caminho à afirmação de ensejos emancipatórios e libertários, tendo a fruição de substâncias psicotrópicas um papel incontornável nesse processo. A afirmação do BF no panorama internacional dos eventos transformacionais e cultura *psytrance* não deve ser desligada do processo de descriminalização do consumo de substâncias estupefacientes levado a cabo por Portugal a partir de 2001 (OROC, 2018; VALBOM, 2015). O consumo e venda de substâncias psicadélicas da mais variada origem (desde substâncias produzidas por síntese química até às derivadas de produtos naturais) faz-se desafogadamente no espaço da *Boomland*. A propósito da descriminalização do consumo, Oroc (2018) afirmou que esta teve tanto de surpreendente como de extraordinário, salientando a ligação que essa alteração teve no próprio festival. Para Oroc (2018, pp. 194-195), Portugal “broke with the worldwide system of prohibition and incarceration, and legalized small amounts of any drug [...]. BOOM! Then synchronistically found itself in the position of being the only festival in the world that could openly advocate psychedelic culture”. Muitos dos participantes no BF procuram o evento e a liberdade que este proporciona para viver experiências que não são permitidas nos seus quotidianos, nomeadamente, o

consumo de substâncias habitualmente proibidas pelos ordenamentos jurídicos de diversos países.⁸

Alteridade, transcendência e pertença

Os visitantes entram na *Boomland* disponíveis para viver experiências diferentes das que encontram nas suas rotinas diárias. O carácter liminar e liminóide (St JOHN e BALDINI, 2012) do BF proporciona as condições favoráveis a esse escapismo, ao representar-se e perceber-se, pelos próprios *boomers*, como espaço diverso e igualitário. A *Boomland* é, desde logo, percebida como um espaço lúdico, uma espécie de “Disneylândia dos adultos” (expressão de um dos informantes), onde as preocupações, *stress* e obrigações do dia-a-dia ficam suspensas. O BF é um espaço em que os sujeitos se permitem apresentar comportamentos distintos daqueles que teriam nos seus quotidianos extra-festival, associados ao que St John (2012) apelidou de “diáspora psicadélica” e sentimento de *being in transit* entre espaços e estados de espírito. Ao transitar entre os espaços de sociabilidade quotidianos e a *Boomland*, uma vez chegados a esta, dá-se um (re)encontro. O *boomer* depara-se, de novo, com um *locus* que permite viver experiências alternativas e com uma entidade coletiva em relação à qual os indivíduos desenvolvem um sentimento de *belonging* (TURNER, 2012), reforçando a percepção de pertença a uma comunidade.

Tal sentimento de pertença pode ser entrevisto, entre outras situações, no modo como os sujeitos, individual e grupalmente, se aprestam, de forma solidária, a velar pela segurança uns dos outros, entreadjudando-se, por exemplo, em contextos de consumo de psicoativos (em particular quando sucedem *bad trips*⁹). Tal pôde ser observado e registado ao longo do trabalho etnográfico no BF. Numa das noites ecoavam de um dos espaços do festival,

8 Preocupada com potenciais efeitos do consumo de tais substâncias, a organização do BF criou, em 2002, o projeto Kosmicare. Trata-se de um serviço de redução de riscos e minimização de danos resultante da parceria com a Universidade Católica do Porto/Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, constituído por voluntários qualificados para desenvolver intervenções terapêuticas (VALBOM, 2015).

9 Termo usado para identificar uma má experiência com substâncias psicoativas que promovem confusão, instabilidade, insegurança ao sujeito (v.g., viver estados de alta ansiedade, medo, pânico ou perda da noção do tempo e do espaço).

o *Dance Temple*,¹⁰ batidas de *Darkpsy*¹¹. Lá dentro, o som era ensurdecedor. Entre a profusão de corpos balanceando-se, uns mais excitadamente, outros mais languidamente, balança uma mulher de rastas, que emana fragilidade, instabilidade e insegurança. Pouco depois, abeiram-se dela dois homens, que não se sabe se são amigos ou conhecidos e sentam-se os três no chão a preparar algo para “cheirar”. Depois de “darem o risco”, todos se levantam e um dos homens abandona o local, ficando a mulher de rastas e um homem a dançar, se bem que não por muito tempo. A mulher parece estar a entrar numa *bad trip* e senta-se novamente. O homem que a acompanhava repara e tenta valer-lhe, mas parece não haver nada que possa fazer. Provavelmente a passar por uma alteração do estado de consciência, a mulher estende-se no chão. Fica assim durante cerca de trinta minutos, sem que o som pare para dar tréguas ao corpo e à mente. O “amigo” vai verificando como ela está. Dirige-lhe palavras, sem sinais de que consiga trazê-la de volta naquele momento. Terminado o *set* do DJ e já sem o *Darkpsy* a reverberar nas colunas, leva a sua companheira dali para fora. Esta mulher não era a única sentada no chão. Pelo menos mais duas mulheres, sentadas e encostadas à estrutura, parecem enfrentar uma viagem “tempestuosa”. Uma delas, depois de abordada pelo investigador, afirmou “there is a huge storm inside my head. I need to calm down” (diário de campo, BF, 2018).

Energias positivas, descontração e uma predisposição para diversão, permitindo aos sujeitos desfrutar coletivamente de um momento especial e recarregar baterias para o inevitável regresso ao “crushing ennui of workaday lives” (St JOHN, 2008, p. 154) são, igualmente, apanágio do BF. A interação durante o festival com Tyler e Marla,¹² revela como a experiência coletiva é capaz de

10 Trata-se do espaço principal do BF. É, segundo St John (2012, p. 1), “one of the most expansive and impressive outdoor dance floors on the planet”. É o espaço por excelência onde se pode observar contextos de liminaridade, transgressão e heterotopia. Conhecido internacionalmente como o “portal” ou a “mothership”, o *Dance Temple* é “an extraordinary plateau of visionary experience” (ST JOHN e BALDINI, 2012, p. 544). De acordo com o tema apresentado para a 12ª edição – Geometria Sagrada – o espaço estava concebido como uma catedral, com mais de cinco mil metros quadrados de área de dança, com colunas de 10 a 15 metros de altura a sustentar a cobertura.

11 É um subgénero de trance psicadélico construído com sons de alta intensidade e ritmo muito rápido habitualmente tocado em período noturno (ST JOHN e BALDINI, 2012). É definido por batidas por minuto muito rápidas (150-180), misturando sons de diversas influências e estilos (v.g., gótico, industrial) em composições ainda mais hipnóticas quando comparadas com o género dominante (ST JOHN, 2010).

12 Tyler e a Marla são um casal de portugueses, de 38 e 36 anos respetivamente, pais de dois filhos que ficaram ao cuidado dos avós. Com este casal, o primeiro autor encontrou-se todos os dias durante a 12ª edição do BF. Tyler trabalha por conta de outrem, como gestor. Marla trabalha como terapeuta da fala.

projetar o hedonismo dos sujeitos, contribuindo para a fusão de momentos catárticos que cada elemento vive subjetivamente:

quando a gente se encontra no evento, para além da alegria partilhada por ali estarmos, apraz-nos o reencontro e o pôr a conversa em dia. Abraços, palmadas nas costas, beijinhos, sorrisos e gargalhadas são partilhados entre nós com grande entusiasmo. Tyler explica-me que, na noite anterior, combinaram bebidas alcoólicas com *cannabis* e ácidos [LSD] e ele perdeu as sandálias (diário de campo, BF, 2018).

Os sujeitos acompanhados ao longo desta investigação, e que estavam na *Boomland* pela primeira vez nesse ano de 2018, todos revelavam que cada dia era preenchido por uma infindável sequência de novidades. Durante o primeiro dia do evento percorreu-se todo o espaço com Wendy.¹³ Antes de pisar a Herdade da Granja, esta alemã tinha ouvido várias opiniões sobre o BF e todas elas convergiam para a *Boomland* ser a *Disneyland of candy*, ou seja, o espaço mítico das drogas psicadélicas e da música eletrónica, como confessou. No entanto, logo após o primeiro *tour* pela herdade, o BF passou a ser, para ela, bem mais do que isso.

Como já foi referido, o BF é indissociável do uso de psicadélicos. Ao longo da caminhada pelo recinto e tendo vivido várias edições do BF e de outros festivais de *psytrance*, o investigador reparou em sujeitos a viver estados alterados da mente, induzidos pelo consumo de substâncias psicadélicas. Tal consumo, como já foi mencionado, tem muito a ver com a sensação de liberdade e segurança proporcionados pelo evento. Recorda-se, a este propósito, uma interação com participantes do festival:

Dois casais vão buscar o jantar e acabam por oferecer uma cerveja. Assim que terminam de comer, o mais falador e extrovertido dos quatro, neozelandês, pergunta alto: “What

¹³ Com Wendy, o investigador manteve uma relação de maior proximidade durante o trabalho de campo. Esta alemã, com 51 anos, residente na República da Irlanda, dizia sentir-se “aprisionada” numa empresa tecnológica, sujeita a grande competitividade e exigindo constante atualização de conhecimentos.

we need now?" Ao que responde, entre risos e em uníssonos com o compatriota: "Cocaine!". Tiram um saco do bolso. Fazem uns "riscos" e começam a "cheirar", sentados na manta, no chão, enquanto continuam, alegremente, a conversa. Um jovem que estava sentado por perto, aproxima-se e pede um "risco", que lhe é oferecido prontamente. Ele enche o nariz e vai à sua vida (diário de campo, BF, 2018).

O BF funciona, assim, como um espaço liminar que oferece aos participantes a possibilidade de se comportarem em modos que, fora dessa liminaridade, seriam transgressivos. Repara-se que, a cada nova edição do BF, se veem mais pessoas com tatuagens e vestidas com roupas comumente associadas à cultura psicadélica. Além da indumentária, há usos e apresentações do corpo que se aproximam de um certo padrão estético da cultura *psytrance*: desde cortes de cabelo irreverentes, uso de rastas e toda uma parafernália de adereços e utensílios festivos (vulgo fios e pulseiras tribais, algumas ornamentadas com ossos, pedras e bijuteria variada; cinturões em pele e/ou tecido com pequenos bolsos à volta da cinta; objetos circenses como arcos, fitas, bolas de malabarismo). Ainda que, ao longo da etnografia na *Boomland*, tenham sido observados sujeitos que designamos como *nativos da tribo psytrance*, *hippies* que vivem em trânsito de festival para festival, reconhecemos que uma parte considerável de participantes se enquadravam naquilo que Howard (1969, p. 50) designou por *plastic hippies*: "those who simply wear the paraphernalia of the outsider and adopt the requisite codes of rebellion, where the symbols which might at one time have powerfully expressed outrage at society's oppression and absurdity become merely fashionable and decadent".

As substâncias psicadélicas circulam no espaço do festival, apregoadas aqui e acolá. Logo à chegada ao recinto, após a montagem da tenda e enquanto se arrumavam os pertences pessoais, um jovem adulto estrangeiro interpelou o investigador, num inglês com sotaque no leste europeu: "Ciao! Do you need anything, bro? I have the good stuff!". Um pouco mais tarde, passaria por ali ou-

tro homem, também estrangeiro, apregoando a sua mercadoria: “Weed, Mushrooms, Cocaine!” (diário de campo, BF, 2018).

Eivados de ritualidade, a abertura e o encerramento do *Dance Temple* constituem momentos fundamentais do BF. Mais do que qualquer outro, a energia da cerimónia de abertura deste *dancefloor* irradia por toda a *Boomland*. Todo o cerimonial de abertura daquele espaço central do evento tem como função potenciar a vertente mística e transcendental, tão características do movimento *psytrance* (St JOHN e BALDINI, 2012). Tal vertente é indissociável da experiência psicadélica proporcionada pelo consumo de psicadélicos e pelos estados alterados da mente que estes provocam. Sobretudo na sessão de abertura, a experiência é amiúde acompanhada de sensações de excitação inicial conforme o que Johansson e Toraldo (2015, p. 5) identificaram como “anticipation of a desired experience”.

O espaço principal do festival, o *Dance Temple*, é um lugar especial onde vibrações, frequências, forças e energias se interligam e formam o que a promoção do festival chama de “teoria do campo unificado”¹⁴ e que St John (2010; 2012) classificou como sentimentos de *oneness*, para os quais contribuem a dança coletiva e todos os processos de efervescência coletiva com potencial para desenvolver sentimentos de união. A primeira noite do *Dance Temple* é “mágica”. O investigador e Wendy concordam que se sente aqui um campo quase magnético e energético. Em torno deste espaço, física e simbolicamente o “templo” do festival, há um movimento contínuo de milhares de pessoas que, de toda a parte do mundo, carregam a sua energia e ali se reúnem partilhando sentimentos de pertença, união, comunidade (St JOHN e BALDINI, 2012). O consumo e o comércio de psicadélicos, a sonoridade do *psytrance* e milhares de pessoas a viver estados alterados da mente em noites com uma temperatura noturna acima dos 20 °C torna este momento impressionante.

Durante o dia, o *Dance Temple* não pára e o *psytrance* ecoa pelo recinto, até às margens da barragem. O espaço encerra para ma-

¹⁴ Vídeo do *Dance Temple*. Boom Festival 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hdSebfH9G8I> (consultado em 20/10/2021).

nutenção (e descanso dos aficionados) entre as 18h e as 20h. Na *Boomland*, o relógio tem pouca utilidade porque os participantes movem-se em torno dos programas culturais, musicais e consoante as suas disposições. Num dos dias do evento, já depois de almoço, o investigador dirige-se ao *Dance Temple*, deposita os pertences debaixo de uma árvore, na parte traseira do *dancefloor*, e deixa-se ficar ao lado de um grupo de três jovens portugueses. Têm um olhar fixo, vago, como que perdido, alheios ao que se passa em redor, sem entabularem grandes conversas entre si. Um deles está a enrolar um charro¹⁵, pretexto para o investigador meter conversa. À pergunta se estão a gostar e se a noite foi longa, responde que ainda não dormiram, que estão cansados, daí estarem ali a repousar, à sombra. O diálogo despertou os outros dois. Enquanto a conversa fluía e o charro rodava entre eles, deu para perceber que não eram *virgins*,¹⁶ sendo habitual, na primeira noite, elevarem a experiência transcendental a níveis bem altos, propósito que entendiam ser mais facilmente alcançado com o consumo de diferentes tipos de drogas. A primeira noite, geralmente, é aquela em que o *habitué* quer viver, “prego a fundo” (termo usado por estes *boomers*). Para tal contribui uma série de fatores: a excitação inicial, a ausência de cansaço, os *rushes* de adrenalina associados à saudade e antecipação com que o evento é celebrado, o desejo de viver de forma intensa estados alterados da mente em sítios tidos como perfeitos para isso (como é o caso do *Dance Temple*). O diálogo com um destes jovens interlocutores é elucidativo: “Pá, o som rapidíssimo, nós ali a riscar umas gramas de speed e MD ‘tás a ver? Quando demos conta, já era de dia! Não me perguntes para onde é que eu fui, que eu não saí daqui, mas também não estive cá!” (diário de campo, BF, 2018).

A popularidade do BF não se limita ao comércio e consumo de psicadélicos de forma livre, mas também a experiências de sociabilidade e alteridade, vividas ao longo de uma semana, num espaço idílico, projetado entre a utopia e a heterotopia. O festival promove

15 Corresponde à expressão *bolar um baseado*, na gíria brasileira.

16 Designação comum entre os aficionados do BF para classificar os que se estreiam no festival.

uma ecologia de transgressão, principalmente, pelas suas características liminares (ou de interstício) associadas à sua temporalidade de curta-duração. Parece mesmo configurar um contexto de “bracketing” (Goffman, 1974), uma delimitação espacial e temporal que funciona como uma membrana que suspende os sujeitos das responsabilidades, regras e deveres que compõem as suas rotinas diárias. Enquanto espaço físico e social de suspensão temporal, de “heterocronia”, o BF corresponde aquilo que Foucault (1984) designa como lugares heterotópicos: lugares fora de todos os lugares, ainda que possam ser geograficamente localizados.

A heterotopia do BF proporciona experiências que transcendem o físico, revelando-se, sobretudo, no espaço psíquico. Em linha com os estudos de St John, (2008, 2009, 2010, 2012, 2017), a observação feita na *Boomland* permite ler esse *locus* como um espaço metafísico que opera como santuário de recuperação psíquica. Tal como foi referido por variados participantes no BF e nos grupos de *Facebook*, o BF constitui o que St John (2008, p. 154) designou como uma oportunidade de cura para a mente e uma forma de libertação do espírito da prisão na rotina quotidiana. Nos discursos dos sujeitos (perceptível tanto no trabalho etnográfico no BF, como no grupo de discussão *online*) notam-se narrativas sobre intenções de purga do negativismo, do *stress*, e de repulsa da competitividade associada ao “mundo fora do BF”. Nesses discursos, ir ao BF serve para, durante sete dias consecutivos, renovar energias, encontrar caminhos de emancipação e descobrir possibilidades de concretização de ensejos de transformação pessoal: “I realised we are such a big community of people breaking free from the chains of our own conditioning and making the effort and taking the steps to walk a different path, one guided by love rather than fear. I no longer felt alone [...] helps keep me strong in moments of weakness. There is life before Boom and then life after Boom!” (Vega, em diário de campo, BF, 2018).¹⁷

A alteridade, transcendência e sentimento de pertença que, de um modo geral, o BF promete e os *boomers* procuram, traduzem-se

¹⁷ Além de participante no grupo de discussão criado no *Facebook*, Vega foi uma informante privilegiada durante o trabalho de campo no festival. Inglesa, residente em Espanha, professora de ioga, com 35 anos de idade, revê-se no ideário do BF. No festival, integrava um grupo de amigos de várias nacionalidades.

em experiências muito impressionantes, densamente corporificadas (*embodied*), que perduram nas subjetividades para lá do evento propriamente dito. *A posteriori*, no decurso do quotidiano, estas experiências tendem a ser recordadas e revividas e, por vezes, tomadas como referências reflexivas para outros entendimentos do “eu” e da vida, de que poderão resultar mudanças mais ou menos significativas nas trajetórias biográficas.

Quotidiano e transformações

A transgressão institucionalizada no território da *Boomland* e a possibilidade de se aceder a experiências que transcendem as rotinas é uma das principais fontes da excitação que impulsiona a procura do festival. Aliás, esta excitação ganha corpo nas semanas e dias que antecedem o evento, no que Johansson e Toraldo (2015, p. 5) designaram de “anticipation of a desired experience”, nas palavras de uma *newbie*¹⁸ de 27 anos, estudante eslovaca: “[I am] not anxious, but I am looking forward so much!” (*Bloom Tribe*, grupo do *Facebook*).

A excitação, aqui, pode estar a ser potenciada por um desejo em torno de uma experiência tida como alternativa e desafiante, sobretudo, face ao que, previsivelmente, está disponível na vida diária (ELIAS e DUNNING, 1992). Na antecipação da experiência, o consumo e a participação massificada no espaço digital permitem conceber imagetivamente o mundo sem sair de casa e aceder a estados sensoriais que se enquadram naquilo que Campbell (2005[1987], pp. 77-95) identificou como “imaginative hedonism”. Como destaca Simão (2014, p. 44), “no meio desta sociedade altamente tecnológica, existem os *freaks* nativos do Transe, que ao mesmo tempo que veneram a natureza e se reúnem em florestas recônditas para dançar ao ritmo da música eletrónica, aparentemente também se reúnem para dançar no Second Life, e partilham o espírito PLUR (Peace, Love, Unity, Respect) que os movimenta no Facebook”.

¹⁸ *Newbie* é a designação usada pelos *habitués* do BF para classificar aqueles que participaram poucas vezes no festival. O termo *old school* designa aqueles que já contam com várias participações no BF.

A reprodução de elementos e manifestações dos festivais transformacionais muito para lá do tempo-espaço específicos da sua realização, potenciada pelas novas possibilidades tecnológicas, deixa perceber que estes eventos, embora consideravelmente espaçados no tempo, perduram na memória e repercutem-se no quotidiano de muitos dos seus frequentadores. O BF é exemplo disso. Embora só se realize a cada dois anos, o evento tende a perdurar de forma relevante, muito para lá da sua ocorrência, na memória, discursos e práticas da generalidade dos *boomers*, sendo que os próprios fazem questão de expressar as vivências do festival em diversos circuitos do espaço digital (*YouTube, Instagram* e outras redes de partilha de conteúdos e informação).

Durante o trabalho de campo ciberetnográfico no âmbito do grupo do *Facebook* constituído por *boomers (Bloom Tribe)*, bem como no decurso da observação participante durante a edição de 2018 do festival, foi possível recolher um volume considerável de discursos que indiciam os efeitos da experiência do BF nas suas vidas quotidianas. É bastante frequente nestes discursos a referência ao facto de o BF e, em geral a cultura *Psytrance*, contribuir para a emergência de exercícios de balanço biográfico que tendem a promover a reconfiguração de subjetividades e a predisposição para atitudes mais introspetivas: “Esta foi a quinta edição do Boom que fui [...]. Este foi um momento de reflexão e contemplação, que se manifestou a nível prático num ponto de viragem, de mudança de atitude e postura em relação ao que se passa dentro de mim (Portuguesa, 31 anos, arquiteta, cinco participações no BF). As reconfigurações subjetivas apontam para transformações no sentido do reforço de posturas mais calmas, de tranquilidade, de paz e de estabilidade do *self*: “BF isn’t detached from my inner journey. All I can say that the sum of all my experiences over the last couple of years makes me a more peaceful, calmer person” (Alemã, 51 anos, técnica de informática, uma participação no BF). As sucessivas experiências do BF são, em alguns casos, associadas a evoluções pessoais marcantes que, por sua vez, geram novas experiências e perceções a cada nova edição do festival:

The magical thing is: We are different people every time we go to Boom. The more and more work we do on ourselves the more we have evolved by the time we go back to Boom. It is a completely new experience every-time we go to Boom. I find the Boom as a teacher (Inglesa, 36 anos, professora ioga, quatro participações no BF).

De um modo geral, a alegada maior harmonia pessoal e os processos de aprendizagem e amadurecimento que têm lugar no BF são, intrinsecamente, associados a uma maior abertura e disponibilidade para respeitar o “outro” e construir conexões sociais. Nas palavras de uma portuguesa (31 anos, arquiteta, *old school*), gera-se um “contacto mais profundo comigo e com os que me rodeiam. Criam-se vínculos”. Estes respeito e partilha não são só em relação aos seres humanos, mas em relação ao mundo como totalidade indivisível: “identifico-me há muitos anos, não só com o estilo de música *psytrance* e suas derivações, mas com as filosofias de partilha, amizade, pertença e respeito, para com os outros e tudo o que nos rodeia. Somos todos um, na realidade (Portuguesa, 42 anos, professora universitária, participou em todas as edições do BF). Outro testemunho introduz teor moral no registo, fazendo da participação no BF uma experiência de aperfeiçoamento pessoal, como algo que conduz a uma *vida melhor* e capaz de tornar as *pessoas melhores*: “eu diria que um festival desse género pode até mudar a vossa vida para melhor, tornando-nos melhores, mais sensíveis, mais abertos e mais conectados com a vida e a natureza (Português, 33 anos, enfermeiro, *old school*).

A orientação no sentido da abertura aos outros e da partilha é apresentada como a base de uma intensa conetividade através da qual se ultrapassa o isolamento e se constrói o sentido de pertença a uma *communitas* que, amiúde, é designada como “tribo”. Os excertos que se seguem são ilustrativos do alegado espírito comunitário que o BF e a generalidade dos festivais transformacionais fomentam e que, de algum modo, se repercutirá no tempo,

no decurso da vida quotidiana, nomeadamente, nos projetos pessoais e caminhos existenciais a seguir e na sensação de um maior conforto com escolhas de rutura e liberdade face a imposições normativas tidas como opressivas:

[Boom Festival] it will enrich me like nothing else so far. The things I learned there are coming back to my life to get a tru [sic] understanding since. Transformation is a process and many things started there. I haven't felt alone since because I realised we are all connected. [...] I'm currently transitioning to becoming a digital nomad while building my own company. I want to build a community of people who benefit from connecting to each other to create a world where everybody joins for a common vision [...] we can be more powerful by connecting (Eslovaca, 27 anos, empresária individual, *newbie*).

Another difference is the sense of Tribe (as in, belonging and caring for each other) that you can find at the transformational festivals but not so much at the conventional ones... (Alemã, 51 anos, técnica de informática, *virgin*).

Noutros discursos transparece de forma mais evidente um efeito de esperança no futuro, em concreto, esperança de que a comunidade global que se forma em torno do BF e da cultura *Psytrance* seja capaz de gerar movimentos de mudança do mundo e dos quotidianos de vida, em especial de tudo aquilo que represente uma ameaça ao planeta e à existência: "Going to Boom suddenly made me feel how big the community is, across the world. It gave me so much hope in 2012 to understand how many people are out there wanting to change their way of living and change the world and the way we treat the world. All of it gave so much hope" (Inglesa, 36 anos, professora de ioga, quatro participações no BF). Nesta linha discursiva, outros testemunhos apontam, explicitamente, para o papel do BF na consciencializa-

ção para as questões ecológicas e na adoção de novos comportamentos sustentáveis no cotidiano: “as principais alterações no meu dia a dia foram as práticas ambientais e a preocupação constante com esta temática” (Português, 38 anos, gestor de recursos humanos, seis participações no BF).

É frequente identificar-se o consumo de drogas psicadélicas, a música *psytrance* e a “atmosfera” ou “energia” existentes no BF como os principais catalisadores das experiências transformadoras de “abertura de corpo e mente”, estimuladoras da criatividade e de vivências marcadas pela “expansão dos sentidos”. Em alguns discursos, nota-se que uma eventual transformação mais efetiva e consistente depende de uma predisposição do indivíduo para tal, acentuada e guiada pelo ambiente do festival:

Este tipo de festivais/eventos são o sítio certo para ter uma experiência onde se vai vivenciar/sentir estados de consciência nunca antes sentidos. Há, de facto, expansão de sentidos a vários níveis, que podem ser induzidos, ou não, por determinadas drogas ou simplesmente pela energia/atmosfera que se faz sentir no Boom. Este é um catalisador/desbloqueador dos padrões “normais” de vivência das pessoas (Português, 33 anos, enfermeiro, *old school*).

Psychedelic music surely helps to connect to the soul and open the mind, but if a transformation takes place is up to the individual (Alemã, 51 anos, técnica de informática, *virgin*).

Taking psychedelics for partying doesn't mean one will transform into a more conscious being. It is all the things around that make a *psytrance* festival transformational (Eslovaca, 27 anos, empresária individual, *newbie*).

Podemos dizer que a experiência do BF pode perdurar e refletir-se *a posteriori*, na vida quotidiana, em termos de: (i) tentativa de alcançar estados de subjetividade em linha com os ideais de

calma, paz, harmonia emocional, sensibilidade e abertura ao outro e ao mundo, de acordo com a narrativa de promoção do festival; (ii) sentimento de pertença a uma comunidade, ainda que imaginada, única e alternativa na celebração da liberdade, da igualdade e da convivência fraterna, em contraposição às grilhetas morais, desigualdades, tensões, materialismo e consumismo da sociedade contemporânea; (iii) entusiasmo, orgulho e gratidão em fazer parte de um movimento representado pelos participantes como quase sagrado de comunhão e unificação, aspeto que torna possível a expansão dos horizontes da consciência, bem como um crescimento pessoal e espiritual ao qual se associa uma compreensão mais nítida do lugar e papel do homem no mundo; (iv) consciência mais ecológica e procura de estilos de vida mais sustentáveis.

Embora vivido e percebido de múltiplas formas, o BF e os seus (potenciais) efeitos manifestam-se de forma mais ou menos duradoura e vincada no retorno à vida diária, quanto mais não seja, na intenção de (re)viver a experiência dois anos depois ou, como diria Lucia (2021), no apego a utopias de crescimento espiritual e de conexão tribal celebradas e revividas no tempo e espaço do festival.

27

Conclusão

O BF é um evento cultural de massas planeado de forma a proporcionar aos seus frequentadores múltiplas possibilidades de suspensão e transgressão das normas, práticas, obrigações e rotinas mais comuns da vida quotidiana. Desde os seus emblemáticos *slogans*, à heterotopia da organização e decoração do(s) espaço(s), à intensa e envolvente sonoridade da música *psytrance*, ao consumo de drogas, à cultura de comunhão, às expressões corporais, às múltiplas práticas ecológicas, artísticas e terapêuticas, praticamente tudo concorre para tornar o festival num contexto eminentemente liminar/liminóide. Enquanto tal, o BF e os demais festivais transformacionais são formatados (e mercantilizados) segundo um regime discursivo no qual são apresentados como

espaços sociais propiciadores de experiências que encerram um significativo potencial de ampliação, catarse e transformação de subjetividades no sentido de uma existência mais conectada, consciente e harmoniosa face ao mundo.

Os próprios *boomers* tendem a professar este ideário e a implicar-se profundamente no que vai acontecendo ao longo da semana do festival, predispondo-se a experienciar novos estados sensoriais e espirituais, uma maior proximidade à natureza e outros modos de relação com os “outros” e as suas diferenças. O resultado mais imediato desta implicação militante na procura da transcendência é a produção de discursos e práticas que remetem para a evasão hedonista em relação a quadros normativos, constrangimentos e encargos quotidianos. Trata-se, como é óbvio, de uma evasão que os próprios, implicitamente, sabem que têm legitimidade para concretizar – uma legitimidade proporcionada pela liminaridade intrínseca ao BF enquanto espaço transgressivo institucionalizado sob a forma de contexto lúdico que, por definição, representa uma excecionalidade, mais ou menos pontual e socialmente aceitável, face à ordem e ao *continuum* da vida de todos os dias.

A liminaridade instituída pelo BF tem por base uma estrutura conceptual, comparável à estrutura do rito, que é profusamente celebrada (concretizada) no denso ordenamento de manifestações rituais (v.g., associadas à música, aos consumos, às corporeidades e sociabilidades, à ecologia) que permeiam o festival. Esta condição de liminaridade e as respetivas ritualizações eliminam barreiras, distâncias e hierarquias, configurando um estado social não-estruturado de *communitas*, pautado por um intenso sentido de comunhão e pertença. Com o fim do festival e o regresso ao quotidiano, a *communitas* tende a dissipar-se, embora as atuais possibilidades tecnológicas, em especial o espaço digital, permitam reproduzir manifestações e práticas que, de algum modo, evocam o espírito de corpo e a *vibe* do BF. Também tende a desvanecer-se a condição anti-estrutural experimentada no tempo-espaço do evento propriamente dito. Contudo, muitos *boomers* salientam que o BF deixa marcas, destacando os alegados ganhos pessoais em termos

de tranquilidade, harmonia, vitalidade, capacidade contemplativa e introspetiva, bem como uma mais apurada consciência ecológica e um forte sentido de união e de pertença a uma “comunidade”. Resta saber se estes impactos representam, de facto, a construção de um caminho consistente de transformação identitária ou uma ilusão de transformação, alimentada pelas utopias temporárias (LUCIA, 2021) que, hábil e apelativamente, os festivais permitem experienciar como mais um produto de grande valor de consumo no mercado da cultura global.

Agradecimentos

Os autores endereçam uma palavra de gratidão aos revisores deste artigo. Enquanto investigadores do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento (CETRAD-UTAD) contaram com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT, Portugal) no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.

29

Referências

BELANCIANO, Vítor. Afinal, o que acontece no recinto do Boom Festival? **Público**, 17 ago. 2016. Disponível em <https://www.publico.pt/2016/08/17/culturaipsilon/noticia/afinal-o-que-acontece-no-recinto-do-boom-festival-1741547>. Acesso em 22 jul 2022.

BENNETT, Andy; TAYLOR, Jodie; WOODWARD, Ian. **The festivalization of culture**. Aldershot: Ashgate, 2014.

BOOMFESTIVAL. **Net**. Jul 2022. Disponível em <https://boomfestival.org/boom-2022/vision/boom-vision/>. Acesso em 2 jul 2022.

CAMPBELL, Colin. **The romantic ethic and the spirit of modern consumerism**. Londres: Alcuin Academics, 2005[1987].

CAMPOS, Ricardo. Poder local, arte urbana e festivalização da cultura. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, s.v., n. 125, p. 53-76, 2021.

CASTAGNER, Marc-Olivier. The vibe as peace: EDMC conflict studies and Montreal psytrance spheres. **Dancecult: Journal of Electronic Dance Music Culture**, v. 12, n. 1, p. 66-84, 2020.

CHAVEZ-REYES, Christina. Conceptualizing from the inside: advantages, complications, and demands on insider positionality. **The Qualitative Report**, v. 13, n. 3, p. 474-494, 2008.

D'ANDREA, Anthony. **Global nomads**: techno and New Age as transnational countercultures in Ibiza and Goa. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2007.

DeLYSER, Dydia. Do you really live here? Thoughts on insider research. **Geographical Review**, v. 91, n. 1-2, p. 441-453, 2001.

DURKHEIM, Émile. **The elementary forms of religious life**. Oxford: Oxford University Press, 2001[1912].

ELCHARDUS, Mark; De KEERE, Kobe. Institutionalizing the new self: a comparative analysis. **European Societies**, v. 12, n. 5, p. 743-764, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

ESPINOSA, Gustavo. El festival transformacional Cosmic Convergence como productor de imaginarios de lo maya. **Mirada Antropológica**, v. 17, n. 22, p. 182-204, 2022.

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **Architecture, Movement, Continuité**, n.º 5, p. 46-49, 1984.

GILMORE, Lee. Desert pilgrimage: liminality, transformation, and the other at the Burning Man festival. *In*: SWATOS, William (org.). **On the toad to being there: studies in pilgrimage and tourism in late modernity**. Leiden: Brill, 2006. p. 125-158.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Harvard University Press, 1974.

GOOD MOOD. Boom Festival 20 years movie (1997-2017). **Net**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yh4Yv7jZIWQ>, 2017. Acesso em 2 jan 2022.

GRABURN, Nelson. Secular ritual: a general theory of tourism. *In*: GMECH, Sharon (org.). **Tourists and tourism: a reader**. Long Grove: Waveland Press, 2004. p. 23-34.

GUERRA, Paula. Flying away: electronic dance music, dance culture, psytrance, and new sounds in Portugal. *In*: SIMÃO, Emília; SILVA, Armando; MAGALHÃES, Sérgio. (orgs.). **Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture**. Hershey PA: IGI Global, 2015. p. 307-336.

HOWARD, John Robert. The flowering of the Hippy movement. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 382, n.1, p. 43-55, 1969.

HUTSON, Scott. The rave: spiritual healing in modern western subcultures. **Anthropological Quarterly**, v. 73, n. 1, p. 35-49, 2000.

JOHANSSON, Marjana; TORALDO, Maria Laura. "From mosh pit to posh pit": festival imagery in the context of the Boutique Festival. **Culture and Organization**, v. 23, n. 3, p. 220-237, 2015

JOHNER, Andrew. Transformational festivals: a new religious movement? *In*: SIMÃO, Emília; SILVA, Armando; MAGALHÃES, Sérgio.

(orgs.). **Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture**. Hershey: IGI Global, 2015. p. 58-86.

KANE, Pat. Think festivals are all about hedonism? No, they're evolving. **The Guardian**. 11 ago 2018. Disponível em https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/aug/11/festivals-hedonism-escapism-woodstock-ideas?CMP=Share_iOSApp_Other. Acesso em 11 nov 2020.

KAVANAUGH, Philip; ANDERSON, Tammy. Solidarity and drug use in the electronic dance music scene. **The Sociological Quarterly**, v. 49, n. 1, p. 181-208, 2008.

KING, Amy. This music is my religion: this place is my church. **Journal of Communication & Religion**, v. 43, n. 4, p. 39-59, 2020.

LEUNG, Jeet-Kei. Transformational festivals. **Net**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Q8tDpQp6m0A>, 2010. Acesso em 2 jan 2022.

LUCIA, Amanda. **White utopias**: the religious exoticism of transformational festivals. Oakland, CA: University of California Press, 2021.

MACFARLANE, Scott. **The hippie narrative**: a literary perspective on the counterculture. Jefferson e Londres: McFarland & Company, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição para uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

NEUHOFER, Barbara; EGGER, Roman; YU, Joanne; CELUCH, Krzysztof. Designing experiences in the age of human transformation: an analysis of Burning Man. **Annals of Tourism Research**, s. v., n. 91, 103310, 2021.

NGUYEN, Cham. Globalizing community festivals: the case of the community festival in Wanwei, Guangxi, China. **Asian Education and Development Studies**, v. 9, n. 1, p. 67-78, 2019.

NUNES, Sara; GARCIA, Ana. **Boom Festival**: a study about the evolution of local Inhabitants' perceptions. *In*: SHARMA, Anukrati; KUMAR, Jeetesh; TURAEV, Bakhodir; MOHANTY, Priyakrushna. (orgs.). **Festival and event tourism**: building resilience and promoting sustainability. Wallingford e Boston: Cabi, 2022. p. 102-114.

OROC, James. **The new psychedelic revolution**: the genesis of the visionary age. Rochester e Toronto: Park Street Press, 2018.

O'SHEA, Janet. Festivals and local identities in a global economy: the Festival of India and Dance Umbrella. *In*: DEFRANTZ, Thomas; ROTHFIELD, Philipa. (orgs.). **Choreography and corporeality**. New world choreographies. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 85-102.

PEREIRA, Tiago. **Heterotopia, liminaridade e vida quotidiana**: o Boom Festival como epifenómeno de alteridade. Vila Real, 2021. 236 f. Tese (Doutoramento em Ciências da Cultura) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2021.

ROTH, Silke; FRANK, Susanne. Festivalization and the media: Weimar, cultural capital of Europe 1999. **International Journal of Cultural Policy**, v. 6, n. 2, p. 219-241, 2000.

ROWEN, Ian. The transformational festival as a subversive toolbox for a transformed tourism: lessons from Burning Man for a COVID-19 world. **Tourism Geographies**, v. 22, n. 3, p. 695-702, 2020.

SALDANHA, Arun. The ghost of Goa trance: a retrospective. *In*: St JOHN, Graham. (org.). **The local scenes and global culture of psytrance**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2010. p. 55-65.

SAPO MAG/LUSA. Boom Festival apresenta nova edição e aguarda “com serenidade” indicações quanto ao coronavírus. **Sapo Mag**, 28 fev 2020. Disponível em <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/boom-festival-apresenta-nova-edicao-e-aguarda-aguarda-com-serenidade-indicacoes-quanto-ao-coronavirus>. Acesso em 28 jul 2022.

SAPO MAG/LUSA. Boom Festival regressa em Julho. **Sapo Mag**, 6 jun 2022. Disponível em <https://mag.sapo.pt/showbiz/artigos/boom-festival-regressa-em-julho-com-41-mil-pessoas-de-177-nacionalidades>. Acesso em 28 jul 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1987[1946].

SCHMIDT, Bryan. Boutiquing at the rainedance campout: relational aesthetics as festival technology. **Dancecult: Journal of Electronic Dance Music Culture**, v. 7, n. 1, p. 35-54, 2015.

SIMÃO, Emília: **Neo-tribalismo e info-comunicação nas plataformas digitais: o estudo de caso da Tribo Transe**. Porto, 2014. Tese (Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Universidade do Porto, Porto, 2014.

SIMÃO, Emília; SILVA, Armando; MAGALHÃES, Sérgio. (orgs). **Exploring psychedelic trance and electronic dance music in modern culture**. Hershey: IGI Global, 2015.

St JOHN, Graham. (org.). **Victor Turner and contemporary cultural performance**. Nova Iorque: Berghahn Books, 2008.

St JOHN, Graham. **Technomad**: global raving countercultures. Londres: Equinox Publishing, 2009.

St JOHN, Graham. (org.) **The local scenes and global culture of psytrance**. Nova Iorque: Routledge, 2010.

St JOHN, Graham. **Global tribe**: technology spirituality & psytrance. Londres: Equinox Publishing, 2012.

St JOHN, Graham. (org.) **Weekend societies**: electronic dance music festivals and event-cultures. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017.

St JOHN, Graham; BALDINI, Chiara. Dancing at the crossroads of consciousness: techno-mysticism, visionary arts and Portugal's Boom Festival. *In*: CUSACK, Carole; NORMAN, Alex. (orgs.). **Handbook of new religions and cultural production**. Leiden: Brill, 2012. p. 519-552.

TAYLOR, Jodie. The intimate insider: negotiating the ethics of friendship when doing insider research. **Qualitative Research**, v. 11, n. 1, p. 3-22, 2011.

TURNER, Edith. **Communitas**: the anthropology of collective joy. Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2012.

TURNER, Fred. **From counterculture to cyberculture**: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the rise of digital utopianism. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TURNER, Fred. **The democratic surround**: multimedia and American liberalism from World War II to the psychedelic sixties. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

TURNER, Victor. **The ritual process**: structure and anti-structure. Nova Iorque: Cornell University Press, 1977[1969].

TURNER, Victor. Liminal to liminoid, in play, flow, and ritual: an essay in comparative symbology. *In*: TURNER, Victor. **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. Nova Iorque: Performing Arts Journal Pub., 1982. p. 20-60.

VALBOM, Mónica. **O impacto da descriminalização de substâncias psicoativas para as intervenções de redução de riscos e minimização de danos**: estudo de caso do projecto Kosmicare/Boom Festival. Porto, 2015. Tese (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica do Porto, Porto, 2015.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978[1908].

WALLACH, Jeremy; HARRIS, M. Berger; GREENE, Paul D. **Metal rules the globe**: heavy metal music around the world. Durham e Londres: Duke University Press, 2011.

YUHAS, Stephanie. Festivals as experiential spiritual ritual space for millennials and gen Z. *In*: SHOEMAKER, Terry; SCHNEIDER, Rachel; ALVIZO, Xochitl. (orgs.). **The emerging church, millennials, and religion** (v. 2). Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2022. p. 49-77.